

## **MULHERES MIGRANTES NA ALEMANHA**

### **MIGRANT WOMEN IN GERMANY**

**Micaela da Silva Marques Moura<sup>1</sup>**

CEI-ISCAP-P.PORTO

**RESUMO:** Neste artigo será feita uma breve análise da migração feminina na segunda metade do século XX para a Alemanha. Será primeiro abordada a migração por motivos laborais e sociais, que se iniciou em 1950 com a assinatura dos primeiros acordos de recrutamento. Posteriormente será apresentada a migração por motivos políticos, religiosos e éticos, que tem marcado significativamente a Alemanha, considerado atualmente um país de imigração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres Migrantes, Alemanha, Migração, Século XX

**ABSTRACT:** The present article intends to make a brief analysis of the female migration to Germany in the second half of the 20<sup>th</sup> century. Firstly, will be analyzed migration for work and social reasons, which began in the 1950s with the signing of the first recruitment agreements. Secondly, will be considered migration for political, religious and ethical

---

<sup>1</sup> Micaela da Silva Marques Moura é doutorada em Tradução e Paratradução (Tradução Jurídica Alemão – Português) pela Universidade de Vigo. Mestre em Estudos Alemães e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Ingleses e Alemães, Ramo de Tradução de Alemão pela Universidade do Porto. Atualmente é Professora Adjunta no ISCAP. As suas áreas de investigação são os estudos tradutivos, os estudos interculturais e a cultura e a língua alemãs.

reasons, which has significantly marked Germany, currently considered a country of immigration.

**KEY-WORDS:** Migrant women, Germany, Migration, 20<sup>th</sup> century

Os movimentos migratórios na Alemanha não se iniciaram apenas no século XX. Na verdade, já os havia por várias razões nos séculos XVII, XVIII e XIX (Ochse, 1999: 21; Oltmer/Hanewinkel, 2021). No entanto, neste artigo ocupar-nos-emos apenas da migração para a Alemanha que ocorreu a partir de meados do século XX.

A partir dos anos 50 do século XX surgiu neste país uma grande necessidade de mão-de-obra causada pelo surgimento do milagre económico alemão (*Wirtschaftswunder*), consequência do pós-guerra. O grande número de perdas humanas durante a Segunda Guerra Mundial, por um lado, mas também o empobrecimento de alguns países, levou a que os migrantes abandonassem os seus países para procurar emprego e também melhores salários na Alemanha. É designada, em razão disso, de *Arbeitseinwanderung* – a migração por razões laborais (cf. Oltmer, 2012: 15).

A partir de 1955 assinam-se os primeiros acordos de recrutamento de trabalhadores, o primeiro com a Itália. Mas depois seguiram-se a Espanha e a Grécia (1960), a Turquia (1961), Marrocos (1963), Portugal (1964) e Tunísia (1965). Iniciava-se o chamado período dos trabalhadores-hóspedes (*Gastarbeiterperiode*) e os trabalhadores convidados eram mesmo isso: convidados (*Gäste*). Inicialmente os trabalhadores estrangeiros deviam permanecer na Alemanha apenas por um período de dois ou três anos e depois voltar para os seus países de origem. Estes acordos de recrutamento também eram vantajosos para os países que enviavam os seus cidadãos para a emigração, pois a sua saída temporária era considerada uma mais-valia para a economia nacional. Por um lado, contavam com as remessas que os emigrantes enviavam para os seus familiares no seu país natal, por outro lado, viam a saída temporária dos seus cidadãos como um alívio do seu próprio mercado de trabalho e, por fim, esperavam que os emigrantes que regressassem um dia às suas pátrias trouxessem consigo os conhecimentos e as qualificações adquiridos no estrangeiro para o desenvolvimento da sua economia nacional (Oltmer, 2017: 189).

Estreitamente ligada à razão económica da migração, está a razão social, seja ela o casamento e o respetivo reagrupamento familiar ou o nascimento de novos elementos familiares já na Alemanha. Isto é, o nascimento de uma nova geração, os

*Gastarbeiterkinder*: os filhos dos trabalhadores convidados, que já crescem bilingues e biculturais.

O período dos trabalhadores-hóspedes (*Gastarbeiterperiode*) terminaria oficialmente a 23 de novembro de 1973. Nesse dia cessaram os acordos de recrutamento de trabalhadores vindos de países do Sul (*Anwerbestopp für Arbeitskräfte aus dem Süden*), sobretudo devido à crise do petróleo de 1973.

Curiosamente foi a partir desse ano que a Alemanha se tornou “inadvertidamente” um país de imigração. Apesar de se registrar uma pequena descida nos números de novos trabalhadores convidados depois do fim dos acordos, os emigrantes - que inicialmente tinham apenas autorização para permanecer na Alemanha por um determinado período de tempo e depois tinham o dever de voltar aos seus países de origem – estabeleceram-se permanentemente no país, uma vez que os seus países natais continuavam sem perspectivas e, entretanto, eles próprios se tinham integrado na Alemanha. Posteriormente alguns trouxeram as suas famílias<sup>2</sup>.

O que contribuiu igualmente para a estadia permanente dos estrangeiros foi o facto de os empregadores alemães mostrarem o seu desagrado em relação à constante rotatividade dos trabalhadores, pois emigrantes recém-chegados nas fábricas significava um novo período de aprendizagem do ofício pelos mesmos.

Depois da queda do muro de Berlim em 1989 e do fim do bloco soviético, muitos habitantes da antiga República Democrática Alemã e migrantes de todo o mundo procuraram, na Alemanha unificada, proteção, segurança e uma vida melhor (Berlinghoff, 2018). Iniciava-se um deslocamento em massa de refugiados<sup>3</sup> para a Alemanha e entre 1990 e 1993 foram feitos 1,2 milhão de pedidos de asilo. Entre 1991 e 2013 vieram 17 milhões de estrangeiros para o país<sup>4</sup>. Em 2015 as guerras civis na Síria e no Iraque levaram a que cerca de 890.000 pessoas pedissem asilo<sup>5</sup>.

No ano de 2021, assim como nos anos anteriores, foram os refugiados da Síria que mais pediram asilo na Alemanha, seguidos dos refugiados do Afeganistão e do Iraque.

---

<sup>2</sup> Cf. Bade, Klaus (24.11.2013), “Als Deutschland zum Einwanderungsland wurde”, in: <https://www.zeit.de/gesellschaft/zeitgeschehen/2013-11/einwanderung-anwerbestopp/komplettansicht>.

<sup>3</sup> A guerra na antiga Iugoslávia bem como a fuga dos descendentes de alemães do Centro Leste da Europa contribuíram também para o crescente número de novos emigrantes.

<sup>4</sup> Cf. Walter, Jan (18.9.2015), “A história migratória da Alemanha”, in: <https://www.dw.com/pt-br/a-história-migratória-da-alemanha/a-18723291>.

<sup>5</sup> Cf. “Migração e integração”, in: <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt-br/migracao-e-integracao>.

Em 2021 42% desses refugiados foram mulheres, número que tem vindo a aumentar desde 2015<sup>6</sup>.

Hoje em dia habitam na Alemanha cerca 11 milhões<sup>7</sup> de pessoas com passaporte estrangeiro, mais ou menos 8 por cento da população total<sup>8</sup>. No entanto, vivem neste país quase 22 milhões<sup>9</sup> de pessoas com nacionalidade alemã, mas que têm antecedentes de imigração (*Migrationshintergrund*) e quase metade são mulheres<sup>10</sup>.

Por muito tempo a emigração foi considerado um fenómeno sobretudo masculino. Às mulheres e às famílias não lhes foi prestado a devida atenção (Gültekin, 2003: 33), mesmo que entre 1960 e 1973 o número de trabalhadoras estrangeiras na Alemanha se multiplicasse dezasseis vezes, passando de 43.000 para 706.000 (Mattes, 2019).

As razões para as mulheres deixarem a sua pátria são várias: por razões laborais, para se formarem em determinada área, para viverem junto de familiares ou amigos, devido à guerra e às perseguições, devido à discriminação de género ou devido a alterações climáticas no seu país de origem (Ferenschild, 2017: 6).

Foram precisamente as razões laborais a principal razão para que a partir dos anos 1950 muitas mulheres partissem para outros países. Ao contrário do que muitas vezes é veiculado, os acordos de recrutamento procuravam de igual forma homens e mulheres, pois a Alemanha necessitava de trabalhadores e trabalhadoras para várias áreas. Contudo, os países emissores, sobretudo os do mediterrâneo, optavam por enviar apenas os homens jovens, desempregados e sem formação. Grande parte destes países preferiam não enviar mulheres jovens, porquanto os perigos ético-morais que estas poderiam encontrar num país estranho. No entanto quando estas emigravam faziam-no por razões económicas, pois num curto prazo de tempo conseguiam atingir um bom vencimento e mais tarde possibilitavam a vinda de familiares masculinos para junto delas. Por norma as mulheres solteiras que chegavam à Alemanha viviam em dormitórios e as casadas arrendavam um apartamento. À sua espera tinham apenas um determinado número de empregos pouco atrativos, na indústria ou nos serviços. Tratava-se de tarefas para as quais já não existiam

---

<sup>6</sup> Cf. “Demografie von Asylsuchenden in Deutschland – Infografiken zu Alter, Geschlecht und Herkunft von Asylsuchenden” in: <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/zahlen-zu-asyl/265710/demografie-von-asylsuchenden-in-deutschland/>.

<sup>7</sup> O número exato em dezembro de 2020 é 11 432 460 estrangeiros (cf. página do *Statistisches Bundesamt* [Serviço Estatístico Federal]).

<sup>8</sup> A população alemã é em 2021 de cerca 83,2 milhões (cf. página do *Statistisches Bundesamt*).

<sup>9</sup> O número aproximado em dezembro de 2020 é de 21,9 milhões de alemães com antecedente de migração (cf. página do *Statistisches Bundesamt*).

<sup>10</sup> Cf. Latz, Viktoria (14.11.2018), “Zahlenwerk: Frauen mit Migrationshintergrund in Deutschland”, in: <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/kurzdoassiers/280264/zahlenwerk-frauen-mit-migrationshintergrund-in-deutschland>.

mulheres alemãs suficientes e recebiam menos 30 a 40% de vencimento do que os homens. O mercado de trabalho na Alemanha estava fortemente hierarquizado e condicionado culturalmente. Os homens eram considerados os sustentáculos da família e por isso o seu vencimento era adequado a essa sua função. A remuneração das mulheres era apenas considerada complementar e por isso auferiam um salário mais baixo (Mattes, 2019).

Mais recentemente temos sobretudo assistido na Alemanha à migração por motivos políticos, religiosos e éticos. Segundo *The UN Refugee Agency* refugiados são “people who have fled war, violence, conflict or persecution and have crossed an international border to find safety in another country”<sup>11</sup> e de acordo com a Lei Fundamental da Alemanha (*Grundgesetz*<sup>12</sup>) os perseguidos políticos gozam do direito a asilo (16a GG). Assim os que se candidatam ao asilo na Agência Alemã de Migração e Refugiados (*Bundesamt für Migration und Flüchtlinge*<sup>13</sup>) são designados por “requerente a asilo” (*Asylbewerber*). Além disso, desde que comprovem que são perseguidos na sua pátria por razões políticas têm direito ao asilo e são denominados por “pessoa com direito a asilo político” (*Asylberechtigter*)<sup>14</sup>.

Desde 2015 o governo alemão tem reunido esforços para integrar os refugiados. Essas medidas são (Geyer, 2015):

- Cursos de língua alemã (cursos de integração) para requerentes de asilo e informações sobre a cultura, a ordem social e o sistema jurídico.
- Esforços para alojamentos descentralizado em unidades mais pequenas, pois são considerados melhores do que alojamentos coletivos.
- Ofertas para integração no mercado de trabalho, equivalência de diplomas previamente obtidos pelos refugiados e perspectivas de permanência na Alemanha durante o curso de formação.
- Inserção de crianças e jovens que ainda têm obrigatoriedade de frequência de escola e instalações para turmas especiais para alunos sem conhecimentos da língua alemã.
- Oferta extra de associações, igrejas e grupos de voluntariado.

---

<sup>11</sup> Cf.: “What is a refugee”, in: <https://www.unhcr.org/what-is-a-refugee.html>.

<sup>12</sup> Abreviado por *GG*.

<sup>13</sup> Abreviado por *BAMF*.

<sup>14</sup> Cf. Die Bundesregierung “Was ist der Unterschied zwischen einem Asylbewerber und einem Flüchtling”, in: <https://www.bundesregierung.de/breg-de/themen/jahresberichte-der-bundesregierung/was-ist-der-unterschied-zwischen-einem-asylbewerber-und-einem-fluechtling--511666>.

Os cursos de integração e de língua alemã são oferecidos pela Agência Alemã para o Emprego (*Bundesagentur für Arbeit*) e pela Agência Alemã para a Migração e Refugiados (*BAMF*), esta última também criou programas especiais de integração para mulheres refugiadas (*Perspektiven für weibliche Flüchtlinge<sup>15</sup> [PerF-W]*)<sup>16</sup>. Assim, as mulheres refugiadas depois de concluírem com sucesso o curso de língua alemã, podem aprofundar os seus conhecimentos sobre o mercado de trabalho alemão e ofertas de creches / infantários. Obtêm ainda informações sobre o sistema escolar, o processo de candidatura a empregos e condições de trabalho na Alemanha. Podem ainda adquirir experiência de trabalho em empresas e aprofundar os seus conhecimentos de língua alemã para o mundo laboral<sup>17</sup>. Estes cursos têm por norma uma vertente muito prática e têm como objetivo sobretudo dotar as refugiadas de competências comunicativas para serem usadas no seu dia-a-dia. Por exemplo, são repetidos diálogos que podem ser úteis para uma ida ao médico ou para entrarem em contato com os seguros de saúde. Quando é possível também fazem visitas a determinados locais para as refugiadas poderem praticar a língua alemã *in loco* e contactar diretamente com a cultura alemã<sup>18</sup>.

Face ao que acabamos de expor verificamos a existência de diferenças marcantes entre as mulheres emigrantes em meados do século XX e as refugiadas da atual Alemanha.

Apesar de os imigrantes já viverem há muitos anos em território alemão foi apenas em 2005 que entrou em vigor a Lei de Imigração (*Zuwanderungsgesetz*), passando a existir o direito a cursos de integração e onde os cursos de língua alemã foram reconhecidos como importante instrumento de integração<sup>19</sup>. As refugiadas (e refugiados) por motivos políticos, religiosos e éticos que atualmente ocorrem à Alemanha podem requerer asilo e têm direito a serem integrados na sociedade alemã. Os empregos para as migrantes femininas (e os migrantes masculinos) existentes no país já não são apenas para

---

<sup>15</sup> Perspetivas para refugiados femininos (minha tradução).

<sup>16</sup> Por norma esses cursos são lecionados em escolas de línguas e são oferecidas gratuitamente a requerentes de asilo que têm uma boa perspectiva para permanecer na Alemanha e serem integradas no mercado de trabalho alemão (Cf. “Integrationskurse für Frauen”, in: <https://www.bamf.de/DE/Themen/Integration/ZugewanderteTeilnehmende/Integrationskurse/SpezielleKursarten/Frauen>).

<sup>17</sup> Cf. Bundesagentur für Arbeit, “Frauen aus dem Ausland – Perspektiven für weibliche Flüchtlinge”, in: <https://www.arbeitsagentur.de/fuer-menschen-aus-dem-ausland/perspektiven-gefluechtete-und-frauen-mit-migrationshintergrund>.

<sup>18</sup> Cf. Latz, Viktoria (13.11.2018), “Frauen in der Migration – Spezielle Integrationskurse für Frauen – ein Gespräch”, in: <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/kurzdoessiers/280219/spezielle-integrationskurse-fuer-frauen-ein-gespraech>.

<sup>19</sup> Cf. “Gastarbeiterinnen und Gastarbeiter haben unsere Geschichte geprägt und ihre Leistungen sind zu würdigen”, in: <https://www.bundesregierung.de/breg-de/aktuelles/gastarbeiterinnen-und-gastarbeiter-haben-unsere-geschichte-gepraegt-und-ihre-leistungen-sind-zu-wuerdigen-752960>.

trabalhadores sem qualquer tipo de qualificação. No entanto as refugidas (e os refugiados) das vagas mais recentes de migração têm formação superior aquelas dos trabalhadores convidados do passado, tendo alguns frequentado o ensino superior.

Até 2005 existiam muito poucas medidas de integração para as estrangeiras (e os estrangeiros) que viviam na Alemanha. Em algumas localidades os filhos dos trabalhadores convidados eram integrados de acordo com a sua nacionalidade em turmas de estrangeiros. Não eram oferecidos curso de língua alemã ou aconselhamento sobre migração, nem se apostou na política de integração prospectiva. Os empregos existentes, sobretudo no início da segunda metade do século XX, não pressupunham o domínio da língua alemã, como corrobora Sevim Celebi Gottschlich, primeira migrante turca a fazer parte do parlamento alemão em 1987 e que veio trabalhar aos 17 anos para a empresa *Siemens* na Alemanha<sup>20</sup>.

Durante muitos anos os políticos ignoraram a realidade e agiram como se a Alemanha não fosse um país de imigrantes. Num comunicado de imprensa da Agência Alemã de Imprensa e Informação (Presse- und Informationsamt der Bundesregierung<sup>21</sup>), datado de 7 de dezembro de 2015, isso é reconhecido pelo Governo Alemão: “Heute haben wir aus den Fehlern von damals gelernt. Keiner bestreitet mehr die Notwendigkeit, dass die Menschen, die bei uns leben, in unsere Gesellschaft eingebunden werden müssen. 60 Jahre nach dem ersten Anwerbeabkommen muss klar sein: Herkunft darf kein Schicksal sein – erst recht nicht in der dritten oder vierten Generation.<sup>2223</sup>”

## Bibliografia

**Bade, K.J.** (2013), “Als Deutschland zum Einwanderungsland wurde”, in: ZeitOnline (23.11.2013): <https://www.zeit.de/gesellschaft/zeitgeschehen/2013-11/einwanderung-anwerbepstopp/komplettansicht>.

---

<sup>20</sup> Cf. “1961 – Anwerbeabkommen mit der Türkei – Sevim Celebi-Gottschlich”, <https://www.bpb.de/themen/migration-integration/anwerbeabkommen/43199/sevim-celebi-gottschlich>.

<sup>21</sup> Abreviado por *BPA*.

<sup>22</sup> Cf. “Gastarbeiterinnen und Gastarbeiter haben unsere Geschichte geprägt und ihre Leistungen sind zu würdigen”, in: <https://www.bundesregierung.de/breg-de/aktuelles/gastarbeiterinnen-und-gastarbeiter-haben-unsere-geschichte-gepraegt-und-ihre-leistungen-sind-zu-wuerdigen-752960>

<sup>23</sup> “Hoje aprendemos com os erros que cometemos no passado. Ninguém contesta a necessidade que as pessoas que vivem conosco têm de ser integradas na nossa sociedade. 60 anos depois do primeiro acordo de recrutamento tem de ficar claro: a origem não pode ser uma fatalidade – muito menos na terceira ou quarta geração.” (minha tradução)

**Berlinghoff, M.** (2018), "Geschichte der Migration in Deutschland", in: *Bundeszentrale für politische Bildung*, Dossier Migration, 14.5.2018.

**Ferenschild, S.** (2017), *Frauen, Migration und Arbeit – Ohne Rechte keine Perspektive*, Bonn: Südwind e.V. – Institut für Ökonomie und Ökumene.

**Geyer, Robby** (2015), "Flucht und Asyl 2015", in: *Bundeszentrale für politische Bildung*, Spicker aktuell Nr. 2.

**Gültekin, N.** (2003), *Bildung, Autonomie, Tradition und Migration - Doppelperspektivität biographischer Prozesse junger Frauen aus der Türkei*, Wiesbaden: Springer Fachmedien.

**Ochse, G.** (1999), *Migrantinnenforschung in der Bundesrepublik Deutschland und den USA*, Oldenburg: Bibliotheks- und Informationssystem der Universität Oldenburg.

**Oltmer, J.** (2012), *Globale Migration*, München: Verlag C.H.Beck.

**Oltmer, Jochen** (2017), *Migration. Geschichte und Zukunft der Gegenwart*. Darmstadt: Theiss Verlag.

**Oltmer, J. / Hanewinkel, V.** (2021), "Geschichte der Migration nach und aus Deutschland", in: Bundeszentrale für politische Bildung, Länderprofile Migration: Daten – Geschichte – Politik, 8.12.2021.

**Mattes, M** (2008), "Migration und Geschlecht in der Bundesrepublik Deutschland – Ein historischer Rückblick auf die 'Gastarbeiterinnen der 1960/70er Jahre'", in: *Femina Politica – Zeitschrift für Feministische Politikwissenschaft*, 01/2008, 17. Jg., Migration und Geschlechterkritik – Feministische Perspektiven auf die Einwanderungsgesellschaft, Verlag Barbara Budrich.

**Mattes, M.** (2019), "'Gastarbeiterinnen' in der Bundesrepublik Deutschland", in: Bundeszentrale für politische Bildung, Frauen in der Migration, 8.4.2019.

**Statistisches Bundesamt:** <https://destatis.de>.